

## Gilberto Freyre: escritor de si e da região<sup>i</sup>

Juciene Batista Félix

e-mail: [jucieneandrade@yahoo.com.br](mailto:jucieneandrade@yahoo.com.br)

Olívia Moraes de Medeiros Neta

e-mail: [olivianeta@yahoo.com.br](mailto:olivianeta@yahoo.com.br)

Discentes do Programa de Pós-Graduação em História, CCHLA / UFRN

### Resumo

Este artigo objetiva discutir as noções de autor e rostidade a partir da análise de Gilberto Freyre e seus escritos como *Nordeste* e *Tempo Morto e Outros Tempos* que, na dimensão discursiva compõem a espacialidade da escrita do autor e da região que é, enquanto espaço, estriada sob a coação de formas, que nela se exercem.

### Palavras-chave

Gilberto Freyre – Autor(ia) – Região.

A escrita como exercício pessoal feito por si e para si é uma arte de verdade dispar; [...] uma maneira racional de combinar a autoridade tradicional da coisa já dita com a singularidade que nela se afirma e a particularidade das circunstâncias que determina seu uso. (*Ditos e Escritos* – Michel Foucault).

Escrever, narrar, dar corpo e ser corpo de uma história, é assim o ato de tornar-se um escritor, um escriturário da história pela qual se emite corpos reais. Objetivamos destacar Gilberto Freyre como autor que ao passo que escreve a história imbrica uma escrita de si a da região – Nordeste. Cada produção concebera os interesses de seu autor jurídico e a constituição de uma função de autor que

<sup>i</sup> Está ligada ao sistema jurídico e institucional que encerra, determina, articula o universo dos discursos; não se exerce uniformemente e da mesma maneira sobre todos os discursos, em todas as épocas e em todas as formas de civilização; não se define pela atribuição espontânea de um discurso ao seu produtor, mas através de uma série de

operações específicas e complexas; não reenvia pura e simplesmente para um indivíduo real, podendo dar lugar a vários “eus” em, simultâneo, a várias posições-sujeitos que classes diferentes de indivíduos podem ocupar.<sup>ii</sup>

As escritas, as noções, os saberes produzidos sobre e acerca do Nordeste de Gilberto Freyre compõem em nossa pesquisa um espaço; sendo este espaço o da narrativa, um espaço escrito, prescrito e subjetivado dos diversos sujeitos, é o espaço da letra, da própria escrita da história que a cada narrativa escreve um Nordeste distinto produzindo um espaço particular. O espaço territorial da região do Nordeste é lido e, produzido nos recortes dos atos de fala de Gilberto Freyre, onde destacamos as obras *Nordeste* e *Tempo Morto e Outros Tempos* que, na dimensão discursiva vem compor a espacialidade da escrita do autor e da região que é, enquanto espaço, estriada sob a coação de formas, que nela se exercem. É a escrita, um espaço estriado que entrecruza fixos e variáveis, ordena e faz sucederem-se formas distintas, que é passível de ser cartografado, de ser mapeado, é o espaço extensivo, é o conjunto de marcas que dá sinais, dobraduras em sua extensão.<sup>iii</sup>

Texto, escrita, condições de produção, lugares e contextos, subjetividades e interesses compõem um campo demarcado pelo poder,<sup>iv</sup> pelo saber e caminhos da escrituração e suas elaborações, ações de produção discursiva. Vislumbrar a escrita é focar a cena de seus autores, sujeitos de discursos que expressam maneiras de subjetivação e vivência dos códigos que definem suas concepções. Uma obra pode viabilizar uma história de produção de seus autores, uma história de produção de suas subjetividades, da produção de sua identidade de autor, da construção prática e discursiva de sua escrita.

A autoria do autor surge no momento em que o texto se torna transgressivo, sua função é caracterizar a existência, a circulação e a operacionalidade de certos discursos numa dada sociedade, o que liga esta função de autor a sistemas legais e institucionais que circunscrevem, determinam e articulam o domínio dos discursos. Buscar o autor é dar visibilidade ao lugar particular do sujeito do discurso; estes lugares de autoria estão articulados com a história das formas de pensamento. O nome de autor além de ter função classificatória dos discursos, permite delimitar uma obra, permite dizer o que deve ou não ser escrito como fazendo parte do trabalho de alguém, assim a noção de autor constitui “[...] o momento forte da individualização da história das idéias, dos

conhecimentos, das literaturas, na história da filosofia também, e na das ciências”.<sup>v</sup> Pensar o autor é também se voltar à escrita como:

um jogo ordenado de signos do que a própria natureza do significante; mas também que esta regularidade da escrita está sempre a ser experimentada nos seus limites, estando ao mesmo tempo em vias de ser transgredida e invertida; a escrita desdobra-se como um jogo que vai infalivelmente para além de suas regras, desse modo as extravasando. Na escrita não se trata da manifestação ou da exaltação do gesto de escrever, nem da fixação de um sujeito numa linguagem, é uma questão de abertura de um espaço onde um sujeito da escrita está sempre a desaparecer.<sup>vi</sup>

Uma escrita de si, a escrita da história pela subjetividade, pela biografia, pela autobiografia. É uma escrita referencial que integra um conjunto de modalidades do que se evidenciou chamar produção de si no mundo moderno ocidental. A prática da produção de si pode ser entendida como englobando um diversificado conjunto de ações, desde as propriamente ligadas à escrita de si, como é o caso das autobiografias e diários, até a constituição de uma memória de si, realizada com a intenção de objetos materiais. Através desses tipos de práticas culturais, o indivíduo moderno está constituindo uma identidade para si através de seus documentos, cujo sentido passa a ser alargado.<sup>vii</sup>



**Ilustração 1 - Assinatura de Gilberto Freyre.**

As práticas de escrita de si podem evidenciar como uma trajetória individual tem um percurso que se altera ao longo do tempo, que decorre por sucessão. Também podem mostrar como o mesmo período da vida de uma pessoa pode ser decomposto em tempos com ritmos diversos. E esse indivíduo que postula uma identidade para si e busca registrar sua vida autoriza deixar sua memória pela excepcionalidade de seus fatos. O registro da memória dos homens modernos são subjetivos, fragmentados e ordinários como suas vidas.<sup>viii</sup>

A escrita de si assume a subjetividade de seu autor como (o ponto de vista e de vivência do autor do documento) dimensão integrante de sua linguagem, construindo sobre ela a sua verdade. Toda a documentação de “produção do eu” é entendida como marcada pela busca de um “efeito de

verdade”.<sup>ix</sup> A escrita de si é uma forma de produção da memória que merece ser guardada e lembrada.

Conforme Michel de Certeau em *A Escrita da História* o fazer história se apóia num poder político que criou um lugar limpo, onde um querer pode e deve escrever um sistema<sup>x</sup> e o historiador não é o sujeito da operação da qual é o técnico; ele não faz a história, pode apenas fazer história onde a produção é seu princípio de explicação quase universal, já que a pesquisa histórica se apossa de todo documento como sistema daquilo que a produziu, o que nos leva a entender a história como prática (uma disciplina), o seu resultado (o discurso) ou a relação de ambos sob a forma de uma produção remetida a uma prática, logo a uma realidade, e a um discurso fechado, o texto que organiza e encerra um modo de inteligibilidade.

A região não é recortada como uma unidade política, econômica ou cultural fundado numa uniformidade geográfica e étnica, mas nas tramas do poder e da linguagem é produção imagética e textualmente da espacialização das relações de poder e das marcas do espaço narrativo.

O produto histórico emerge de um lugar social, assume posições distintas, sejam objetivas, desconfiados, positivistas; é o todo composto por uma multiplicidade de filosofias individuais que passeiam com suas construções do “lugar de produção” que, como sujeitos, usurpam objetos, produzem análises, instituem saberes.

O objeto da história ancora-se na conexão saber/lugar e é permeado pelo corpo social e suas representações que ora sustentam e são sustentadas por discursos produtores de textos históricos que enunciam operações situadas no interior de um conjunto de práticas que se constituem enquanto produtos de um lugar que como prática histórica acham-se relativamente ligados à estrutura da sociedade, é este lugar funcional e estrutural que dita limites à pesquisa histórica que, encontram-se circunscrita pelo lugar, lugar que produz ao ditar a conexão do possível e impossível na operação histórica.

“Fazer história” é uma prática e pensar sua produção é considerar instrumentos próprios a cada sociedade que assim pensar-se-ão historicamente. O historiador metodologicamente, ao fazer história, volta-se a objetos físicos, materiais que se transformara em história, para tal manipula, mas, obedece a regras como as de selecionar, reunir, transformar em documentos objetos discursivos;

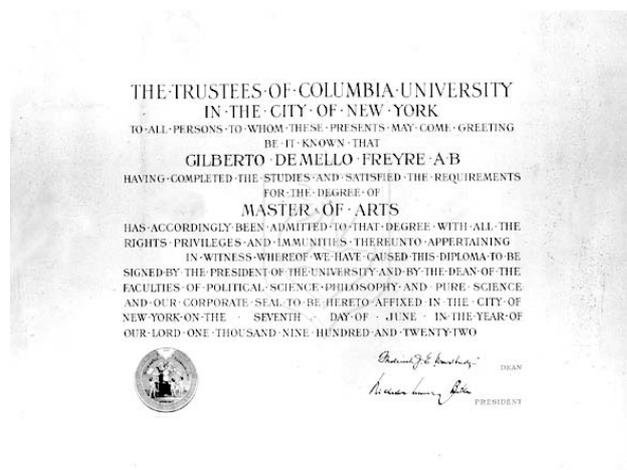
sendo estes atos de criação do material, do corpo da análise histórica. O “fazer história” sustenta-se em lugares, aparelhos e técnicas que podem não partir do passado para o presente, mas, de forma arqueológica, do presente ir ao passado, podendo voltar-se a “zonas silenciosas” como loucura, prisão, sexualidade e outras. A operação historiográfica produz o fato, pois este é o resultado da relação lugar/tempo/sujeitos, das ações de retalhar, distanciar-se dos objetos que simbolizam um limite.

A história diz respeito a organização folheada de um discurso que compreende em si mesmo os materiais que o fundam e cuja compreensão ele pretende produzir; a narrativa da história é a forma que se dá ao discurso desta, pois toda história é sempre produzida partir de fórmulas que governam as produções da narrativa<sup>xi</sup> - marcas de uma escrita da história que é, também, uma escrita de si. A história é entendida enquanto uma prática e um discurso preso a um período, um objeto e um lugar que a partir da evidenciação da particularidade do lugar escreve-se a história onde os discursos “não são corpos flutuantes em um englobante que se chamaria a história (o ‘contexto’?). São históricos porque ligados a operações e definidos por funcionamentos”.<sup>xii</sup> A prática histórica e as “produções do lugar” nos faz entender que existe uma historicidade no próprio fazer história; ela implica no movimento que liga uma prática interpretativa a uma social, oscilando entre dois pólos; remete por um lado a uma prática, a uma realidade e por outro é um discurso fechado.<sup>xiii</sup>

Pensar a história é entender a organização de cada historiografia em função de óticas particulares e diversas que se referem a atos históricos, fundadores de sentido e instauradores de ciências.<sup>xiv</sup>

Gilberto Freyre, um sujeito, um autor, um rosto. Que rosto tem? Um sistema muro branco-buraco negro que envolve semióticas mistas como a subjetivação e a significância. Os rostos nascem de uma máquina abstrata de rostidade, que irá produzi-los ao mesmo tempo que der ao significante seu muro branco, assim o sistema muro branco-buraco negro seria a máquina abstrata que produz o rosto.<sup>xv</sup> O rosto é um mapa, é lê um próprio espaço produzido e envolto de poder, é uma organização forte que assume um conjunto de traços de rostidade, que ele irá subsumir e colocar a serviço da significância e da subjetivação; assim quando Gilberto Freyre em *Tempo Morto e Outros Tempos* destaca trechos de seus diários da adolescência e primeira juventude escreve “è um a projeção,

essa, não de todo passiva: guardado pelo autor um tanto do ânimo de aventura dos seus dias de adolescência e de muito jovem e o gosto de experimentação que foi, então muito seu<sup>xvi</sup> está construindo um rosto, significantes e subjetivações para suas memórias de pessoa sentimental, sensível senão como se explicaria que “tenha chorado como nos meus dias de menino ao ouvir uma dessas noites, sozinho, no silêncio da noite, o canto popular em português errado, mas extremamente saudoso e triste da lapinha a caminho da queima: “A nossa lapinha já vai se queimar, até para o ano se nós vivos for’?”<sup>xvii</sup> Gilberto Freyre também tece uma rostidade para si enquanto intelectual, precoce decerto, que queixa-se: “Com quem posso conversar em torno de minhas leituras de filósofos e de poetas e escritores mais profundos? Com ninguém. Esta é que é a verdade”.<sup>xviii</sup> O menino precoce viaja para os Estados Unidos da América “cheio de saudade. Mas também animado de uma grande curiosidade: saber o que me espera nos Estados Unidos. Como serão meus estudos?”<sup>xix</sup> Dois anos depois, Gilberto destaca em seu diário “Terminadas as matérias [...] para o bacharelado, sigo imediatamente para a Universidade de Columbia a fim de mim entregar aos estudos de mestrado e doutorado. Mas sem dar importância aos graus: só aos estudos nesses níveis. Preciso dar o exemplo de desprezar a mania pelos graus acadêmicos que torna o Brasil tão ridículo”.<sup>xx</sup>



**Ilustração 2 - Diploma de Master of Arts: Conferido pela Universidade de Columbia (Nova Iorque).**

Nova Iorque - Estados Unidos, 20 de junho de 1922.

Após estudos em universidades americanas e viagens por América do Norte e Europa em 1923, Gilberto Freyre volta ao Brasil e confessa ao seu diário: “Deixei o Brasil, ainda menino, e venho revê-lo homem feito. Venho revê-lo com outros olhos: os de adulto. Adulto viajado pela América do Norte e pela Europa. Adulto como se diz em inglês, sofisticado”.<sup>xxi</sup> Morar, passear e estudar no exterior não faz o pernambucano Gilberto Freyre esquecer suas memórias de menino, mas, a distância parecer aguçar construir nele o lembrar, uma rostidade com traços do rural como podemos perceber quando escreve “Um dos meus maiores desejos agora é rever o São Severino dos Ramos, o engenho da minha meninice. A casa grande & senzala, o engenho mesmo”.<sup>xxii</sup> Como muro branco e buraco negro se misturando se contendo um ao outro as rostidades vão ganhando formas, tornam-se territorializadas e envolvidas por muros de significações e buracos de subjetividades; Gilberto Freyre ao regressar ao Brasil tem seu rosto reterritorializado, tornado paisagem e assim, está entre os muros da significação de um corpo estranho e da subjetividade de seus desejos enquanto brasileiro, diz então:

O que sinto é que sou repellido pelo Brasil a que acabo de regressar homem, depois de o ter deixado menino, como se me tivesse tornado um corpo estranho ao mesmo Brasil. É incrível o número de artigos e artigos aparecidos nesses poucos meses contra mim; e a insistência de todos eles é nesse ponto: a de ser eu um estranho, um exótico, um meteco, um desajustado, um estrangeiro.<sup>xxiii</sup>

A escrita de si de Gilberto Freyre reforça a rostidade do escritor, do intelectual, um rosto por ele apresentado em seus escritos como faz ao escrever as colocações de sua mãe acerca de seu comportamento e cotidiano; escreve ele:

Minha Mãe reclama que eu durante o dia, passo dias quase sem sair de casa: apenas pequenas excursões a pé ou de bicicleta pela manhã e, a noite, alguma volta por São José – estudo demais. Que leio demais. Que, em casa, quando não estou lendo, estou escrevendo [...] Que isto é um exagero de trabalho intelectual.<sup>xxiv</sup>

A significação de intelectual na subjetividade de um não reconhecimento, é assim que Gilberto Freyre tem sua rostidade produzida, escrita e marcada por si que se indigna com o não (re)conhecimento de seus estudos no Brasil, confessa ao seu diário que

Rara é a gente que tem qualquer idéia – se há alguma – dos meus estudos universitários: o que significa ter sido aluno de um Boas e de um Giddings, cuja grandeza ignoram. ‘Voltou engenheiro?’ perguntam a meu respeito.

'Médico? Bacharel em Direito?' Quando lhes dizem que não, não compreendem que se seja bacharel com grau universitário noutras coisas e que se tenha feito curso superior em ciências como Antropologia ou a Sociologia.<sup>xxv</sup>

Tempo morto e outros tempos, tempos de uma adolescência e primeira juventude que foram dando corpo e rosto ao autor Gilberto Freyre que pensa “Com o tempo morrendo dentro de mim e eu morrendo dentro do tempo. Sem outro sentido de vida senão este: o de viver morrendo de desencanto”.<sup>xxvi</sup>

Para pensarmos Gilberto Freyre e sua relação com o Nordeste parafraseamos Foucault quando escreve “a escrita, como maneira de recolher a leitura feita e de se recolher nela, é um exercício racional”<sup>xxvii</sup> pois, a região a função do autor acham-se em intercessão. Sendo seu Nordeste<sup>xxviii</sup> uma tentativa de estudo ecológico de um dos Nordeste, o da cana-de-açúcar. Gilberto Freyre no prefácio a primeira edição da obra *Nordeste* (1937) escreve que “tenta esboçar a fisionomia daquele Nordeste agrário, [...] que foi, por algum tempo, o centro da civilização brasileira”,<sup>xxix</sup> tendo a região Nordeste um perfil traçado por identificações com a cana-de-açúcar e sua exploração. Destaca Freyre: “O perfil da região é perfil de uma paisagem enobrecida pela capela, pelo cruzeiro, pela casa-grande, pelo cavalo de raça, pelo barco a vela, pela palmeira imperial, mas deformada, ao mesmo tempo, pela monocultura latifundiária e escravocrática; esterilizada por ela em algumas de suas fontes de vida e de alimentação mais valiosas e de alimentação mais valiosas e mais puras; devastada nas suas matas; degradada nas suas águas.”<sup>xxx</sup>

Na obra *Nordeste* o foco da escrita da região é a produção de uma ecologia social onde Freyre procura extrair da totalidade de inter-relações e processos naturais e de cultura que se encontrem simbolicamente confundidos e harmonizados, ou não, na vida e paisagem do Nordeste, os seus traços mais característicos, os seus tipos mais representativos, os seus métodos mais constantes de exploração da terra, dos homens e animais. O seu drama, no sentido sociológico, em que a personalidade humana é síntese da cultura-natureza regional, da ecologia social.<sup>xxxi</sup>

A região para Freyre contemplaria a relação homem e natureza, onde a natureza regional tende a fazer o homem, o grupo e a cultura humana a sua imagem; mas, por sua vez o homem, o grupo, a cultura humana agem sobre a natureza regional alterando-a.<sup>xxxii</sup> Pensar o Nordeste na obra *Nordeste* representou para Freyre “um esforço de compreensão e interpretação do Nordeste agrário

do Brasil como é: um drama regional de monocultura latifundiária e escravocrática, semelhante, em suas formas, a outros dramas regionais de monocultura latifundiária e escravocrática".<sup>xxxiii</sup>

## Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval M. de. **A Invenção do Nordeste e outras Artes**. Recife: FJN, Ed Massangana; São Paulo: Cortez, 1999.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano: 1. Antes de fazer**. 6 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

\_\_\_\_\_. **A Escrita da História**. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

CHARTIER, R. A História entre narrativa e conhecimento. In: \_\_\_\_\_. **A Beira da Falésia: a história entre incertezas e inquietudes**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002. p. 81 - 100.

DELEUZE, Gilles. Um novo cartógrafo (Vigiar e Punir). In: \_\_\_\_\_. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 1988. p. 35 - 56.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. 1837 – Acerca do ritornelo. In: \_\_\_\_\_. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia – Volume IV**. São Paulo: Ed 34, 1997. p. 115 - 170.

\_\_\_\_\_. 1440 – O liso e o estriado. In: \_\_\_\_\_. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia– Volume V**. São Paulo: Ed 34, 1997. p. 179 - 214.

\_\_\_\_\_. Ano Zero – Rostidade. In: \_\_\_\_\_. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia – Volume V**. São Paulo: Ed 34, 1997. p. 31 - 61.

FISCHER, R. M. B. Análise do discurso: para além de palavras e coisas. **Educação e Realidade**. Porto Alegre: UFRGS. v. 20, n. 02, p.18 - 31, jul. 1995.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Petrópolis: Vozes, 1996.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1981.

\_\_\_\_\_. **O que é um autor?**. 4 ed. Tradução António Fernando Cascais; Edmundo Cordeiro. Portugal: Veja/Passagens, 1992.

\_\_\_\_\_. **Ditos e Escritos - I. A Problematização do Sujeito: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal**. 21 ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora. 1981.

\_\_\_\_\_. **Nordeste: aspectos da influencia da canna sobre a vida e a paisagem do nordeste do Brasil**. 3 ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora. 1961.

\_\_\_\_\_. **Como e porque sou e não sou sociólogo**. Brasília: Universidade de Brasília, 1968.

\_\_\_\_\_. **Tempo morto e outros tempos: trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade, 1915 -1930**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1975.

GOMES, Ângela de Castro. **Escrita de si, Escrita da História**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

MACHADO, Roberto. **Ciência e saber: a trajetória da arqueologia de Michel Foucault**. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

MARTINEZ, Horácio I. Foucault: da genealogia do poder ao governo de si próprio. In: LOPES, Marcos Antônio (org.). **Grandes Nomes da História Intelectual**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 439 - 447.

---

## Notas

<sup>i</sup> Trabalho apresentado à disciplina *Leitura Dirigida I: História, Região e Regionalismo* do Programa de Pós-Graduação em História (Mestrado em História e Espaços), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, ministrada pelo Professor Doutor Iranilson Buriti de Oliveira.

<sup>ii</sup> Historicamente, os textos passaram a ter autores na medida em que os discursos eram tão transgressores que seus criadores acabaram por tornarem-se passíveis de punições. Eles teriam que ser responsabilizados pelo que escreviam e, por consequência, serem punidos pelo que diziam. A noção de autor constitui o momento forte da individualização na história das idéias dos conhecimentos, das literaturas, na história da filosofia também, e na das ciências. Cf. FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?**. 4 ed. Tradução Antônio Fernando Cascais; Edmundo Cordeiro. Portugal: Veja/Passagens, 1992. p. 33 e 57.

<sup>iii</sup> A noção de espaço estriado pode ser entendida a partir da problematização de Deleuze e Guattari sobre o liso e o estriado e seus modelos como aspectos variáveis de suas relações. Cf. DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. 1440 – O liso e o estriado. In: \_\_\_\_\_. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**. São Paulo: Ed 34, 1997. p. 179 - 214.

<sup>iv</sup> Para pensarmos a noção de poder, tomamos por inspiração a discussão acerca dessa categoria feita por Gilles Deleuze, num estudo de biografia histórica sobre Michel Foucault; assim, ao discutir o método arqueológico-genealógico foucaultiano Deleuze apresenta o poder como operatório, não atribuído e relação. É o conjunto das relações de força que constroem singularidades e insere-se em todo lugar onde existe particularidade, sendo então mais um exercício que uma posse e, não é um privilégio adquirido, mas, efeito de conjunto de suas posições estratégicas Cf. DELEUZE, Gilles. Um novo cartógrafo (Vigiar e Punir). In: \_\_\_\_\_. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 1988. p. 35 - 56. O poder é aqui, também, é entendido como destaca Martinez ao discutir a genealogia do poder, sendo este abordado enquanto produtor de verdades segundo diferentes regimes e produzido com base em correlações de força, exercício de relações, onde o poder viria de baixo e as correlações de força se encontram em instituições; as relações de poder são as táticas múltiplas e implícitas, assim onde há poder há resistência. Cf. MARTINEZ, Horácio I. Foucault: da genealogia do poder ao governo de si próprio. In: LOPES, Marcos Antônio (org.). **Grandes Nomes da História Intelectual**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 439 - 447.

- <sup>v</sup> FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?**. 4 ed. Tradução António Fernando Cascais; Edmundo Cordeiro. Portugal: Veja/Passagens, 1992. p. 33.
- <sup>vi</sup> Idem, p. 35.
- <sup>vii</sup> GOMES, Ângela de Castro. Escrita de si, Escrita da História. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p. 11.
- <sup>viii</sup> GOMES, Ângela de Castro. Escrita de si, Escrita da História. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p. 13.
- <sup>ix</sup> GOMES, Ângela de Castro. Escrita de si, Escrita da História. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p. 14.
- <sup>x</sup> CERTEAU, M. de. **A Escrita da História**. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense, 2002. p. 19.
- <sup>xi</sup> Cf. CHARTIER, R. A História entre narrativa e conhecimento. In: \_\_\_\_\_. **A Beira da Falésia: a história entre incertezas e inquietudes**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002. p. 81 - 100.
- <sup>xii</sup> CERTRAU, M. de. **A Escrita da História**. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense, 2002. p. 32.
- <sup>xiii</sup> CERTRAU, M. de. **A Escrita da História**. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense, 2002. p. 33.
- <sup>xiv</sup> CERTRAU, M. de. **A Escrita da História**. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense, 2002. p. 41.
- <sup>xv</sup> DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. Ano Zero – Rostidade. In: \_\_\_\_\_. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia – Volume V**. São Paulo: Ed 34, 1997. p. 33.
- <sup>xvi</sup> <sup>viii</sup>
- <sup>xvii</sup> FREYRE, Gilberto. **Tempo morto e outros tempos**: trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade, 1915 -1930. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1975. p. 4.
- <sup>xviii</sup> Idem, p. 13.
- <sup>xix</sup> Idem, p. 22.
- <sup>xx</sup> Idem, p. 42.
- <sup>xxi</sup> Idem, p. 125.
- <sup>xxii</sup> FREYRE, Gilberto. **Tempo morto e outros tempos**: trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade, 1915 -1930. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1975. p. 126.
- <sup>xxiii</sup> Idem, 128.
- <sup>xxiv</sup> FREYRE, Gilberto. **Tempo morto e outros tempos**: trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade, 1915 -1930. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1975. p. 171-172.
- <sup>xxv</sup> Idem, p. 178.
- <sup>xxvi</sup> Idem, p. 251.
- <sup>xxvii</sup> FOUCAULT, Michel. Ditos e Escritos - I. A Problematização do Sujeito: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. p.150.
- <sup>xxviii</sup> Para visibilizar traços do autor na escrita região, destacamos pra análise as obras: FREYRE, Gilberto. Nordeste: aspectos da influencia da cana sobre a vida e a paisagem do nordeste do Brasil. 3 ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora. 1961 e FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal**. 21 ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora. 1981.
- <sup>xxix</sup> FREYRE, Gilberto. Nordeste: aspectos da influencia da cana sobre a vida e a paisagem do nordeste do Brasil. 3 ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora. 1961. p. XI.
- <sup>xxx</sup> FREYRE, Gilberto. Nordeste: aspectos da influencia da cana sobre a vida e a paisagem do nordeste do Brasil. 3 ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora. 1961. p. XII.
- <sup>xxxi</sup> Cf, Prefácio a edição espanhola que acha-se publicado na edição Brasileira de 1961. FREYRE, Gilberto. Nordeste: aspectos da influencia da cana sobre a vida e a paisagem do nordeste do Brasil. 3 ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora. 1961. p. XX.
- <sup>xxxii</sup> FREYRE, Gilberto. Nordeste: aspectos da influencia da cana sobre a vida e a paisagem do nordeste do Brasil. 3 ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora. 1961. p. XXII.
- <sup>xxxiii</sup> Idem, p. XXIII.